



XXIV
Mostra
de Iniciação
Científica

SEMANA DO
CONHECIMENTO

A Universidade em movimento

De **7 a 10** de outubro de 2014



RESUMO

O TEMPO NO CAPÍTULO XI DAS CONFIÇÕES DE SANTO AGOSTINHO

AUTOR PRINCIPAL:

Felipe da Costa

E-MAIL:

felipecostar2@hotmail.com

TRABALHO VINCULADO À BOLSA DE IC::

Não

CO-AUTORES:

Nadir Antonio Pichler

ORIENTADOR:

Nadir Antonio Pichler

ÁREA:

Ciências Humanas, Sociais Aplicadas, Letras e Artes

ÁREA DO CONHECIMENTO DO CNPQ:

7.01.00.00-4 Filosofia

UNIVERSIDADE:

Universidade de Passo Fundo

INTRODUÇÃO:

Santo Agostinho (354 ? 430 d. C.) passa a tratar a problemática do tempo devido a controvérsia com os maniqueus, os quais sentiam satisfação ao zombarem da criação do nada descrita no primeiro capítulo do Gênesis. Os maniqueus questionavam: que fazia Deus antes de criar todas as coisas? Pode haver em Deus real eternidade se nele aparece uma vontade a qual não tinha antes? Se passaram inumeráveis séculos em que Deus nada criou, por que não permaneceu ele sempre assim?

Na obra Confissões o pensador oferece respostas a estas questões e a partir destas passa a investigar qual a natureza do tempo. Estudaremos as respostas de Agostinho as questões elencadas a cima e a outras como: Qual é a natureza do tempo? Como o medimos? De que modo concebemos o passado se este para ser tem de necessariamente não existir mais? Como concebemos o futuro se este ainda não veio? Já quanto ao presente como pode este existir se a condição para ser tempo é a passagem?

METODOLOGIA:

A construção do presente trabalho se dará por meio da leitura e fichamento das obras Confissões de Santo Agostinho, Introdução ao pensamento de Santo Agostinho de Étienne Gilson, Santo Agostinho: a vida e as obras de um filósofo adiante de seu tempo de Gareth B. Matthews e os artigos referentes a filosofia agostiniana presentes na obra Tempo e eternidade na idade média organizada por Luís A. de Boni, Ivan Domingues e Jan G. J. ter Reegen.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Agostinho responde as objeções levantadas pelos maniqueus e depois passa a questionar qual é a natureza do tempo de uma maneira socrática: ¿o que é o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; porém, se quero explica-lo a quem me pergunta, então não sei¿. Não existiria passado se nada existisse, não teríamos futuro se nada viesse, e não teríamos presente se nada existisse. Mas como existem o passado e o futuro se o primeiro já passou e o segundo ainda não veio? E o presente, se permanecesse sempre presente não seria tempo, mas eternidade.

O pensador convida-nos a analisar uma sucessão temporal de 100 anos, a qual consideramos longa. Mas, se estivermos no segundo ano, os noventa e oito restantes serão futuros e ainda não existem, o primeiro será passado, já não existe mais, e o segundo será presente. Contudo, este ano não pode ser todo ele presente, pois se estamos no primeiro mês os restantes serão futuros; se estivermos no segundo o primeiro será passado e os outros ainda não existem. E este mesmo raciocínio aplica-se aos dias, as horas e aos minutos. Deste modo o tempo parece não existir.

Agostinho lembra-nos de uma verdade, elucida ele que medimos o tempo, pois falamos em tempos mais extensos e mais curtos, o fazemos em nossa mente através das impressões das coisas as quais estão presentes na memória. Ao ouvir o verso ¿O Homem é mau¿, podemos notar que algumas sílabas são mais breves do que outras. Alinhamos as partes da frase e medimos o todo em comparação com as partes e as partes.

Agostinho entende que o tempo é aprendido mentalmente através dos processos de expectativa, atenção e lembrança. O futuro ainda não existe na realidade, mas na mente já está a expectativa do futuro. O passado não existe mais, mas está na memória a lembrança do passado. O presente não tem extensão, todavia, perdura a atenção por meio da qual o presente reitera-se.

CONCLUSÃO:

Agostinho entende que aprendemos o tempo por meio do pensamento, o qual realiza os processos de expectativa, atenção e lembrança, somente é possível medi-lo através das impressões gravadas em nossa memória. Quando evocamos um fato passado somente é possível lembra-lo por meio da lembrança que ainda se encontra presente em nosso espírito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGOSTINHO. Confissões. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo Paulus, 1997.

BONI, Luís A. De; DOMINGUES, Ivan; REEGEN, Jan G. J. ter (Orgs.). Tempo e eternidade na Idade Média. Porto Alegre: EST Edições, 2007.

-GILSON, Étienne. Introdução ao pensamento de Santo Agostinho. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2007.

MATTHEWS, Gareth B. Santo Agostinho: a vida e as ideias de um filósofo adiante de seu tempo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

Assinatura do aluno

Assinatura do orientador